Na face das ondas: coordenadas sobre literatura no ecrã = Recensão a: Miguel Rettenmaier e Tania Rösing (orgs.) Questões de Literatura na Tela

Autor(es): Maduro, Daniela Côrtes

Publicado por: Centro de Literatura Portuguesa

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/30015>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/2182-8830_1-1_14

Accessed : 26-Apr-2023 11:06:50

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

Revista do Programa de Doutoramento «Estudos Avançados em Materialidades da Literatura»

Vol. 1.1 (2013)

ISSN 2182-8830

‘Estranhar Pessoa com
as Materialidades da Literatura’

Orgs. Manuel Portela &
Osvaldo Manuel Silvestre

Na Face das Ondas: Coordenadas sobre Literatura no Ecrã

DANIELA CÔRTEZ MADURO

Universidade de Coimbra

Bolseira da FCT

Miguel Rettenmaier e Tania Rösing (orgs.)
Questões de Literatura na Tela. Passo Fundo, Editora
Universidade de Passo Fundo, 2010, 273 pp.
ISBN 978-85-7515-725-1

É através da imagem de um *tablet* em modo de leitura que o leitor é apresentado ao título desta colectânea de artigos. Tal sobreposição de superfícies (impressa e digital) ilustra a temática do livro e indica ao leitor que irá conhecer um conjunto de questões relativas ao ecrã como veículo de textos literários. Nas primeiras páginas, o leitor encontra um menu. Este é um livro sobre “literatura na tela” e, como tal, os organizadores decidiram espelhar o movimento exploratório e rizomático promovido pela leitura em meio digital. No entanto, o leitor não irá apenas encontrar artigos sobre esta temática. Miguel Rettenmaier e Tania Rösing propõem-se abarcar o “maior número de variações possíveis dentre os géneros literários infectados pela actualidade tecnológica” e abordar questões relacionadas com “edição, leitura e educação”. No guia de navegação que inaugura a viagem, os organizadores listam os temas centrais de cada artigo e convidam o leitor a aceder a estes textos através de um jogo com as directrizes “se...então...”. Neste mesmo menu, os organizadores definem o seu objectivo: “pensar a arte literária no contexto da era digital”. A colectânea é uma “janela” com vista para um mar que abriga um ecossistema variadíssimo.

Como parte da colecção “Série Jornadas Literárias” da UPF, este volume surge após a publicação do título *Questões de leitura no hipertexto* (2007). Entre as duas colectâneas, reunidas pelos mesmos organizadores, existe um fio

condutor. Ambas se referem à leitura no espaço multimédia e rizomático da Internet – “na face das ondas”, como os próprios organizadores referem – e oferecem um conjunto de reflexões sobre o uso expressivo e colaborativo de ferramentas digitais. Disponível num formato compacto, este volume apresenta textos e letras num tamanho facilmente legível. No entanto, o leitor irá notar a presença de diversas gralhas ao longo do livro. Por seu turno, a qualidade de imagens fica frequentemente aquém do necessário o que inviabiliza a consulta de muitos dos gráficos no artigo de Alberto Matos Garcia e a identificação de personagens e cenas no artigo de Fabiano Tadeu Grazioli.

No seu conjunto, a escolha dos artigos revela uma preocupação fundamental em alcançar diversas facetas do universo digital. Porém, esta perspectiva prismática poderia ter sido acompanhada de uma maior coerência temática entre artigos. O leitor que pretenda ler estes textos de forma linear (isto é, seguindo a ordem proposta pelo “Sumário” ou índice) certamente irá encontrar pontos de ligação entre todos eles. No entanto, a distância entre esses pontos é demasiado grande, o que faz com que o leitor se perca no acumular de temas trazidos à tona por cada um dos artigos. Para evitar perder-se neste emaranhado de propostas, a consulta da colectânea deve ser feita tal como sugerido pelos organizadores, ou seja, por unidades temáticas seleccionadas através do menu. Ao permitir ao leitor escolher o tema que deseja consultar, o livro é transformado num manual de consulta rápida que oferece coordenadas para explorar as diferentes rotas de navegação propostas pelos onze artigos. Sendo assim, ele adquire uma faceta enciclopédica similar à da WWW.

Embora distanciados por algumas dezenas de páginas, o leitor poderá encontrar dois artigos sobre educação e formação no meio digital. Em “Linguagem, tecnologia, conhecimento e suas relações no contexto de formação continuada de professores”, Fernanda Freire defende a necessidade de sensibilizar os professores para o uso de recursos informáticos, não só no contexto de sala de aula, mas também na sua própria formação. A autora refere-se a um curso de formação à distância e oferece exemplos sobre as dificuldades encontradas (principalmente na aquisição de linguagem técnica) durante a aprendizagem da ferramenta de comunicação TelEduc.

Na introdução, os organizadores apontam para a dificuldade em ensinar jovens a navegar nas “águas da Internet” porque “eles sabem mais do que os mais velhos”. O artigo “Os jovens diante das telas: novos conteúdos e novas linguagens para a educação literária” propõe uma solução. Alberto Matos García considera que sagas como *O Senhor dos Anéis* promovem a imaginação e o pensamento crítico. Graças a esta capacidade, García defende que elas podem ajudar a preparar os jovens para a cultura digital e para as “leituras selvagens” (Roger Chartier) feitas no meio digital. Dada a forte adesão a tal género literário, o autor defende a sua integração no currículo escolar. O artigo apresenta vários gráficos sobre actividades praticadas por estes

“nativos digitais” e chama a atenção para o atrito entre a cultura letrada, promovida pelo currículo escolar, e a cultura digital, com a qual a maior parte dos jovens parece identificar-se.

No contexto brasileiro, o termo “tela” pode designar uma tela de projecção ou a tela de um quadro. Porém, esta palavra corresponde igualmente à superfície vítrea e electrizada apelidada de “ecrã”. O computador é um poderoso simulador de outros média, o que confere ao termo “tela” um significado particular. Muitos dos artigos da colectânea referem-se à sua capacidade de assimilar e reconfigurar as características de várias formas de arte. Sobre a influência das novas tecnologias no teatro, o leitor encontra o artigo “Literatura, teatro, imagens: ‘Geni e o Zepelin’”, de Chico Buarque no YouTube” no qual Fabiano Tadeu Grazioli descreve o YouTube como um “pequeno palco ao acesso do navegador/espectador”. O autor considera que existe falta de incentivo à leitura do género dramático, pelo que, ao funcionar como um “arquivo audiovisual”, este *site* estará a contribuir para a aproximação entre teatro e espectadores. Ao mesmo tempo que reconfigura a relação entre ambos, o YouTube cria novas possibilidades de criação artística. Grazioli defende que o YouTube não é um “banco de dados” mas um “acervo memorialístico” que assimila outros média e abre caminho para uma revisão do conceito de “teatralidade”.

No artigo “Novas estratégias de antropofagia na literatura digital”, Alckmar Luiz dos Santos refere-se a uma antropofagia entre o formato impresso e o formato digital. O autor elabora uma análise do poema *Amor de Clarice* de Rui Torres descrevendo-o como uma apropriação de um conto de Clarice Lispector. Se Grazioli descreve o teatro como um objecto de reconfiguração que mantém as suas características fundamentais, aqui o leitor encontra um conto impresso que, ao ser apropriado, gera uma obra totalmente diferente. Cabe ao leitor a construção de uma narrativa própria e interminável através de um processo de teatralização da leitura onde assume o papel de agente de sentido (ou “director de cena”), não só porque decifra o código verbal, mas também porque desencadeia um novo texto a cada interacção com o computador.

A literatura produzida e lida em meio digital é igualmente abordada por alguns dos artigos da colectânea. Em “A não diacronia da poesia digital e a influência do poema processo” Wilton Azevedo considera a expansão de signos como elemento fundamental da poesia digital. A natureza combinatória e matemática desta poesia é possibilitada pela linguagem de programação, de onde decorre que esta terá também uma dimensão poética. Segundo Azevedo, o poema digital renova-se por intermédio de uma “autofagia”, rejeitando frequentemente o alfabeto e alimentando-se de si mesmo, ou melhor, da sua permanente geração. Ou seja, o poema recusa-se a contar uma história e mantém-se como uma experiência ou um desafio lançado pela fugacidade e a imprevisibilidade dos signos. Neste artigo,

Azevedo sugere a criação de novos métodos de análise e de uma nova tecnologia que permita ver para além da bidimensionalidade da página.

No artigo “O leitor e a leitura do ciberpoema”, Simone Assumpção descreve a forma como o hipertexto concretiza algumas ambições da poesia. Ao reunir som, vídeo, textos e imagens e ao permitir uma ligação instantânea entre conteúdos, o hipertexto multiplica o potencial estético de uma obra exigindo igualmente uma abordagem semiótica. Em “Poesia hipermédia: estado de arte”, Jorge Luiz António sublinha que a poesia hipermédia é uma continuação do jogo semiótico entre imagem e palavra herdado do movimento concretista. Inicialmente, esta poesia ocupava o “espaço bidimensional da página” e posteriormente terá herdado e reconfigurado características de diversas artes tornando-se num objecto tridimensional. O autor refere que a poesia hipermédia está envolvida no processo de “poetização das tecnologias digitais” e descreve-a como um “produto híbrido” localizado entre os modos *on* e *offline*. Este tema é em parte retomado pelo artigo intitulado “A solidão impossível: a (híper)leitura e o (híper)leitor”. Para os autores, o ser humano também estará dividido entre aqueles dois estados. Embora esta ideia faça lembrar o conflito entre seres humanos e máquinas, retratado pelas distopias do *cyberpunk* e da ficção científica, os autores preferem sublinhar uma parceria ou um ciclo de alimentação e retroalimentação (N. Katherine Hayles) entre ambos. Miguel Rettenmaier e Tania Rösing referem-se a uma migração da literatura para o meio digital e discutem a validade do blog ou do Twitter enquanto ferramentas de criação literária. Para os autores, a leitura e a escrita nunca foram actividades solitárias porque aquele que lê e escreve tem em vista o contacto com o outro. A comunicação em rede é descrita como uma continuidade deste processo, permitindo partilhar um texto instantaneamente.

Já o artigo “Edição e criação nas sociedades contemporâneas” centra-se no papel do editor face ao meio digital. Para José António Cordón García, este ocupa a função de “espurgo de títulos para conformar uma biblioteca”. Sem a sua intervenção, o livro impresso permanece num limbo entre a mera actividade de escrita e a literária. Contudo, ferramentas como o *blog* introduziram novas formas de expressão e publicação que dispensam a intervenção editorial e que alteram profundamente a concepção de autor e obra. Neste artigo, García demonstra como a revolução digital alterou a função editorial de forma “irreversível” e como o escrutínio executado pelo editor foi substituído por uma proliferação de títulos impossível de assimilar.

Sobre a ficção em meio digital, o leitor encontra o artigo “A quarta era da ficção interactiva”, onde Nick Monfort refere que a hibridez da ficção interactiva a impede de ser valorizada, quer por aficionados de jogos de computador, quer por bibliófilos. Monfort deseja a sua aceitação como uma forma de arte literária e prevê a criação de “novas máquinas de ficção interactiva” ou “máquinas literárias” que poderão ajudar à concretização de tal objectivo. Segundo o autor, estas novas máquinas poderão manter uma

conversa através de um “subsistema narrador” que transmitirá narrativas variáveis de eventos simulados. Monfort defende que, ao combinar simulação, computação e narração, a ficção interactiva constrói uma ponte entre ludologia, ciência e literatura.

No artigo “A ficção em hipertexto” Sérgio Cappareli refere que não existe um vocabulário específico para descrever as características do hipertexto e que, em vez deste, têm sido adoptados termos imprecisos ou metáforas. É justamente à metáfora do labirinto, amplamente usada na teoria do hipertexto, que Cappareli recorre para demonstrar que a ficção em hipertexto não oferece novos pressupostos à teoria literária. Ainda que pretenda romper com características atribuídas ao romance – como a linearidade, a sequência temporal e a primazia dada à palavra – a ficção em hipertexto é descrita pelo autor como uma continuação do labirinto de Borges e dos romances pós-modernistas. Cappareli refere-se aqui a um primeiro estágio da teoria do hipertexto durante o qual prevalecia a dicotomia impresso/digital. Esta divergência entre “o velho e o novo” tem vindo a ser substituída pela noção de que ambos pertencem a uma ecologia medial em permanente evolução. Dentro desta, os média coexistem e partilham características. Na colectânea, os pontos de intersecção entre o digital, o impresso, o analógico e o corpóreo são permanentemente assinalados. O trabalho de selecção executado pelos organizadores resultou num volume equilibrado que não pende para a euforia nem para o cepticismo face às novas tecnologias. A colectânea apresenta ao leitor várias linhas do horizonte, permitindo-lhe alcançar um amplo espectro de perspectivas. Na verdade, o mar é vasto e as ondas que assomam tecem um terreno irregular. Aqui, “na face das ondas”, não existe um ponto onde fixar o olhar e as possibilidades são infinitas.